

Laboratório História Editorial: bancos de dados qualitativo-relacionais e divulgação científica nas mídias digitais

Geferson Santana¹

Resumo: O presente artigo analisa de que maneira o laboratório História Editorial desenvolveu uma metodologia própria e um instrumento de pesquisa para a construção de bancos de dados voltados às especificidades da pesquisa com fontes impressas disponibilizadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN) sobre temas relacionados à história afro-brasileira. A partir do uso do Google Planilhas [*Google Sheets*], hospedado e armazenado no *Google Drive*, como ferramenta de coleta, organização e gerenciamento dos dados — operando como um sistema de gerenciamento de banco de dados (*Database Management System – DBMS*) em escala reduzida —, os bancos de dados passaram a desempenhar um papel central tanto na pesquisa histórica quanto na produção de hipertextos e projetos de edição em plataformas digitais, como os projetos da *Wikimedia Foundation*, voltados à divulgação científica enquanto um dos eixos fundamentais da História Pública. Nesse processo, as práticas desenvolvidas no âmbito do laboratório possibilitaram a formulação da categoria analítico-metodológica de *bancos de dados qualitativo-relacionais*, concebidos para a organização de fontes históricas textuais e para a articulação entre dados, análise e interpretação com o intuito de produzir novos conhecimentos. Os resultados dessas experiências indicam que os bancos de dados construídos pelo laboratório contribuíram para ampliar a circulação do conhecimento histórico, alcançando estudantes de graduação e pós-graduação, docentes da educação básica e do ensino superior, bem como públicos não universitários interessados em temas relacionados à História Pública, história afro-brasileira e à divulgação científica.

Palavras-chave: Laboratório História Editorial. Bancos de dados qualitativo-relacionais. Divulgação Científica. História Pública.

Recebido: 20 de dezembro de 2025.
Aprovado: 5 de fevereiro de 2026.

¹ Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do laboratório História Editorial. E-mail: historiaeditorial.contato@gmail.com/ santanageferson@gmail.com.

As mídias digitais foram se tornando uma realidade para os historiadores e estudantes dos cursos de graduação em História à medida que os arquivos foram desenvolvendo projetos de digitalização de seus acervos e o conhecimento histórico passou a circular em diversos veículos digitais, como periódicos científicos e divulgação científica, *website*, *blogs*, produções audiovisuais, TV abertas, museus digitais, redes sociais e em outras plataformas digitais, como os projetos da *Wikimedia Foundation*². A *web 2.0*³ promoveu mudanças significativas no ofício do historiador à medida que possibilitou a esses profissionais pensar em iniciativas que tornem o conhecimento acadêmico mais acessível ao grande público e com contornos mais colaborativos⁴.

Em 2024, o historiador Geferson Santana fundou o laboratório História Editorial, a partir de suas experiências anteriores, com o intuito de desenvolver projetos de edição em mídias digitais e pesquisas voltadas à construção de bancos de dados sobre temas relacionados à história afro-brasileira, bem como à produção de hipertextos⁵ destinados à divulgação histórica, como artigos de divulgação científica⁶. Essas iniciativas dialogam diretamente com o fortalecimento da Lei nº 10.639/2003, promulgada durante o governo

² A Fundação Wikimedia foi fundada por Jimmy Wales e Larry Sanger, em 2003, visando à produção, desenvolvimento e distribuição do conhecimento em acesso aberto em diversas línguas, sendo alimentado por uma comunidade numa perspectiva colaborativa. Muitos desses projetos baseados no sistema wiki e construídos de maneira colaborativa são conhecidos internacionalmente, como a Wikipédia, o Wikidata e a Wikimedia Commons. WIKIPÉDIA. Fundação Wikimedia. (Verbete). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_Wikimedia. Acesso em: 8 dez. 2025.

³ A *web 2.0* foi um termo criado pela *O'Reilly Media*, em 2004, com o intuito de definir uma *web* mais participativa e colaborativa pelos usuários da internet. Como explicou Noiret, a *web* permitiu não apenas o acesso gratuito a recursos digitais e ao conhecimento histórico, como ampliou as possibilidades de colaboração a conteúdos digitais, como os *blogs*, por exemplo, sem a mediação dos administradores da página, permitindo, ao mesmo tempo, a análise crítica sobre o conteúdo publicizado e o compartilhamento de documentos históricos. NOIRET, Serge. História pública digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28–51, maio 2015. DOI: 10.18225/liinc.v11i1.797. p. 34. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634?articlesBySimilarityPage=8>. Acesso em: 10 out. 2025. Conferir debate também em: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Revista TransVersos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 35–53. set. 2016. p. 39. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>. Acesso em: 2 dez. 2025.

⁴ NOIRET, *loc. cit.*

⁵ Ver mais informações sobre hipertexto em: XAVIER, Antonio Carlos. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 73–90, 2015. DOI: 10.22481/el.v13i2.1302. p. 77–79. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/1302>. Acesso em: 8 nov. 2025.

⁶ Para saber mais sobre o laboratório História Editorial, veja: OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. Editatonas do História Editorial – revelando a invisibilidade das revistas brasileiras de História. *Crítica Historiográfica*, Natal, v. 5, n. 24, p. 55–59, set./out., 2025. p. 56. DOI: 10.29327/254374.5.25-11. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/criticahistoriografica/article/view/23874/17545>. Acesso em: 3 nov. 2025. Ver também a matéria original: OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. Editatonas do História Editorial revelam a invisibilidade das revistas brasileiras de História. *História Editorial*, 8 set. 2025. Disponível em: <https://encurtador.com.br/445NL>. Acesso em: 8 set. 2025.

do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira⁷. As atividades de pesquisa desenvolvidas no âmbito do laboratório somam-se, assim, ao esforço de pensar novas possibilidades de atuação do historiador para além dos espaços tradicionais, considerando a necessidade de garantir autonomia no desenvolvimento da pesquisa, na produção de hipertextos em linguagem mais acessível — sem prejuízo do rigor no tratamento das fontes e da produção historiográfica —, na construção de bancos de dados e no gerenciamento de projetos em mídias digitais⁸. Tais competências mostram-se fundamentais diante da diversidade de espaços institucionais públicos e privados que carecem de profissionais qualificados para atuar com o grande público ou no desenvolvimento de projetos editoriais e de divulgação científica.

Nesse sentido, os bancos de dados constituem um elemento central para o desenvolvimento das atividades de edição em plataformas digitais e para a produção de hipertextos destinados à divulgação científica dos eixos temáticos pesquisados. O trabalho desenvolvido no âmbito do laboratório organiza-se em três camadas articuladas. A primeira corresponde à pesquisa e ao levantamento de documentos a partir de temáticas previamente definidas, visando à construção dos bancos de dados por meio do mapeamento de fontes impressas disponibilizadas em arquivos digitais, bem como de sua transcrição integral ou parcial, de acordo com sua relevância para os interesses da pesquisa. A segunda camada refere-se à catalogação dessas fontes, realizada por meio do processo de normalização das referências e da coleta de informações extraídas das publicações, tais como título, autoria, local e data de publicação, identificação de ano, número e página. A terceira camada consiste no processo de leitura, registro e anotações críticas das fontes à luz da produção historiográfica existente, ampliando as possibilidades de interpretação e de produção de novos conhecimentos históricos voltados à divulgação histórica, o que configura uma metodologia inovadora em relação aos modelos tradicionais de bancos de dados utilizados na área da História.

⁷ Sobre a lei, conferir debate em: OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África nos bancos escolares. Representações e impressões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, n. 3, p. 421–461, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n3/a03v25n3.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2013; SOUZA, Marina de Mello e. Algumas impressões e sugestões sobre o ensino de história da África. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17–28, 2012. DOI: 10.20949/rhhj.v1i1.3. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/3/7>. Acesso em: 12 nov. 2025.

⁸ O laboratório está vinculado à Wikiversidade [Wikiversity], que é um projeto da Wikimedia Foundation destinado à criação de um ambiente livre e aberto para o desenvolvimento de projetos educacionais e pesquisas científicas. Consulte nossa página: https://pt.wikiversity.org/wiki/Hist%C3%B3ria_Editorial.

Como podemos conceituar banco de dados ou base de dados? Para os autores Osvaldo Kotaro Takai, Isabel Cristina Italiano e João Eduardo Ferreira, o banco de dados ou base de dados é uma coleção de dados logicamente relacionados e com algum significado, sendo projetada, construída e preenchida com dados para atender a um propósito específico de um determinado grupo de usuários e para aplicações previamente definidas. Além disso, ela representa aspectos do mundo real — frequentemente denominado de “mini-mundo” — de modo que as transformações ocorridas nesse contexto se refletem diretamente na própria base de dados⁹. No entanto, a partir das experiências desenvolvidas com a construção de bancos de dados através de uma metodologia própria do laboratório, desenvolvemos a noção de *bancos de dados qualitativo-relacionais* para designar bases estruturadas voltadas à organização de fontes históricas, nas quais os registros são predominantemente textuais e interpretativos, e as relações entre os dados se estabelecem tanto por vínculos estruturais quanto por conexões analíticas construídas ao longo da pesquisa e da coleta de dados.

Para esse objetivo, o Google Planilhas [*Google Sheets*] se demonstrou como uma ferramenta promissora para o desenvolvimento dos bancos de dados do laboratório, especialmente pelo acesso gratuito à ferramenta digital do *Google*, hospedada no *Google Drive*. Foi utilizado como sistema de gerenciamento de banco de dados, uma espécie de *Database Management System (DBMS)*, ainda que em uma escala reduzida e adequada à natureza da pesquisa. Um DBMS é o sistema responsável por estruturar, armazenar, organizar e permitir a consulta aos dados de uma base, independentemente de sua complexidade tecnológica. Nesse sentido, a planilha eletrônica cumpriu as funções essenciais de um DBMS ao definir a estrutura do banco, possibilitar a inserção e a manutenção dos registros, bem como permitir operações de filtragem, ordenação e visualização das informações levantadas.

A partir dessa abordagem, o artigo se propõe a analisar de que maneira o laboratório História Editorial desenvolveu uma metodologia própria e um instrumento de pesquisa para a construção de um banco de dados, aqui definido como *banco de dados qualitativo-relacional*, voltado a atender às especificidades da pesquisa com fontes disponibilizadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN). Busca-se demonstrar

⁹ TAKAI, Osvaldo Kotaro; ITALIANO, Isabel Cristina; FERREIRA, João Eduardo. *Introdução a banco de dados*. São Paulo: Instituto de Matemática e Estatística (IME); Universidade de São Paulo, 2005. Apostila didática. p. 14. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~jef/apostila.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.

como essa metodologia permitiu não apenas organizar e interpretar um volume significativo de fontes históricas, mas também inovar no campo da produção de artigos de divulgação científica, ao compreender esses textos como produções que podem circular e ser mobilizadas como referências em trabalhos acadêmicos e em outros contextos de produção do conhecimento histórico.

Ademais, o banco de dados estruturado possibilitou o desenvolvimento de práticas ampliadas de História Pública¹⁰ e de divulgação científica em diferentes mídias digitais, como o *website* do laboratório¹¹, as redes sociais e os projetos vinculados à *Wikimedia Foundation*. Para registrar essas práticas, organizamos um conjunto de hipertextos produzidos pela equipe de pesquisadores e estudantes vinculados ao laboratório, publicados no *website* do História Editorial e em revistas da área, nos quais são apresentados o laboratório, suas principais atividades e práticas de História Pública¹².

O presente artigo também reúne um conjunto de dados quantitativos e qualitativos sistematizados em tabelas e gráficos, coletados a partir dos relatórios disponibilizados pelo *Instagram* e pela plataforma *mLabs*, sendo a primeira uma rede social e a segunda uma ferramenta de gerenciamento de mídias sociais. Os dados extraídos dessas plataformas foram analisados de forma articulada, combinando uma análise quantitativa — voltada à mensuração de alcance, visualizações e engajamento — com uma abordagem qualitativa, que permitiu interpretar esses números à luz dos conteúdos publicados, dos eixos temáticos mobilizados e das estratégias editoriais adotadas pelo laboratório nas mídias digitais.

¹⁰ Os pesquisadores da área afirmam que não existe um conceito fechado de História Pública, embora Robert Kelley, historiador norte-americano entusiasta do movimento, tenha a definido como “o trabalho de historiadores e do método histórico fora da academia: no governo, nas empresas privadas, nos meios de comunicação, nas sociedades históricas, museus e até mesmo em espaços particulares”. Nesse sentido, a área se define a partir da aplicação dos métodos e conhecimentos produzidos pela grande área para permitir o acesso ao conhecimento histórico pelo grande público, em espaços externos à universidade ou ligados a ela. Conferir discussão em: NOIRET, 2015, p. 28–51; KELLEY, 1978 *apud* CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. *Revista NUPEM*, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 8–28, maio/ago. 2019. DOI: 10.33871/nupem.v11i23.654. p. 10. Disponível em: <https://periodicos.unesp.br/nupem/article/view/5724>. Acesso em: 10 out. 2025.

¹¹ Conheça o *website* do laboratório História Editorial: <<https://historiaeditorial.com.br>>.

¹² Ver: SANTANA, Geferson. Uma civilização da África no apagar das luzes do GEM. *História Editorial*, 11 nov. 2025b. (Radar da Imprensa). Disponível em: <https://historiaeditorial.com.br/uma-civilizacao-da-africa-no-apagar-das-luzes-do-gem>. Acesso em: 11 nov. 2025; OLIVEIRA, Tatiane. Wikinotícias e as possibilidades de divulgar conhecimento histórico. *História Editorial*, 3 nov. 2025. (Notícia). Disponível em: <https://encurtador.com.br/FFDc>. Acesso em: 3 nov. 2025; SANTANA, Geferson. Uma prática antirracista no Wikidata. *História Editorial*, 16 out. 2025a. (Notícia). Disponível em: <https://encurtador.com.br/hiA5y>. Acesso em: 16 out. 2025.

A partir dessa perspectiva, o artigo procura responder como a construção de *bancos de dados qualitativo-relacionais* pode operar como uma metodologia própria da pesquisa histórica e, ao mesmo tempo, sustentar práticas de divulgação científica e História Pública em ambientes digitais. Interroga-se de que forma o História Editorial estruturou esses bancos de dados a partir de fontes impressas da Hemeroteca Digital, quais potencialidades emergem do uso do Google Planilhas como sistema de gerenciamento de banco de dados no contexto da pesquisa em ciências humanas e como esses bancos impactam na produção de artigos de divulgação científica e em outras práticas editoriais. Além disso, o estudo busca compreender quais padrões de alcance, engajamento e circulação dos conteúdos podem ser identificados a partir da análise dos dados do *Instagram* e do *website* do laboratório, bem como de que maneira as práticas de História Pública e da divulgação científica, aliadas ao uso estratégico de *hashtags* e linguagens específicas, influenciam a visibilidade das publicações e a constituição dos públicos que consomem e interagem com esses conteúdos.

Bancos de dados e projetos de História Pública

A divulgação científica exige um esforço para a construção de repertórios de leitura em torno das temáticas que serão apresentadas ao grande público. Não se trata, portanto, de compreender essa produção acadêmica, desenvolvida por comunicadores científicos e historiadores públicos, como uma mera atividade de adaptação ou simplificação do conhecimento produzido nas universidades. Em nossa experiência, a prática de produção de conteúdos foi significativamente aprimorada a partir do desenvolvimento e do gerenciamento de bancos de dados, que nos permitiram não apenas organizar as fontes pesquisadas, mas também produzir novos conhecimentos capazes de dialogar com a produção historiográfica existente. Dessa forma, os artigos de divulgação científica resultantes desse processo passaram a incorporar informações e interpretações que ampliam a compreensão tanto dos pesquisadores quanto do público não especializado acerca das temáticas em debate.

Para a produção dos bancos de dados vinculados aos projetos temáticos, definimos previamente as categorias responsáveis pela organização das colunas da planilha, concebida como a estrutura básica para a sistematização dos dados a serem pesquisados e coletados na Hemeroteca Digital. Nesse processo, estabelecemos como categorias de coleta os campos “Periódico”, “Estado”, “Referência completa”,

“Transcrição” e “Observações”, considerando que os periódicos constituíram as principais fontes mobilizadas na pesquisa e, portanto, o eixo central para a construção da base de dados.

Imagem 1 - Interface da base de dados no Google Sheets.

1	Periódico	Estado	Referência completa	Transcrição	Observações
	Diário de Notícias	RJ	I CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO. <i>Diário de Notícias</i> , Rio de Janeiro, ano 21, n. 8.507, p. 3, 16 jul. 1950. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&Pesq=%20congresso%20do%20negro%20brasilero%20&pagis=3913 . Acesso em: 3 set. 2025.	I CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO Realizar-se-á, no Rio de Janeiro, entre 26 de agosto e 4 de setembro — Contribuição de notáveis estudiosos e adesão de vários países — O temário Realizar-se-á, nesta capital, entre 26 de agosto e 4 de setembro, o I Congresso do Negro Brasileiro, por iniciativa do Teatro Experimental do Negro, em comemoração ao centenário da abolição do tráfico de escravos. Estudiosos do Brasil e de vários países já prestaram sua adesão à iniciativa, entre os quais os srs. Gilberto Freyre, Roger Bastide, Câmara Cascudo, Charles Wagley, Renato [A]lmeida, Guerreiro Ramos, Osório Nunes, os quais prepararam e estão elaborando teses e contribuições para o certame. O TEMARIO O temário, aprovado pela Conferência Nacional do Negro, reunida no Rio de Janeiro em maio de 1949, é o seguinte: I — Os elementos negros importados. O tráfico de escravos. Distribuição dos africanos no país. Números do tráfico. Estatísticas da população escrava nas províncias. A migração interior de escravos (tráfico interno). II — Castigos de escravos. Deformações consequentes do trabalho escravo. O escravo nas plantações de cana-de-açúcar, de café, de algodão. O trabalho nas minas. O trabalho doméstico. III — Os quilombos e as revoltas de escravos. Palmares. Os negros malês na Bahia. Os balaios. O movimento de fuga das lavouras paulistas. IV — Contribuição do negro à abolição e à campanha abolicionista. Luís Gama e José do Patrocínio. As juntas de alforria. V — O valor do escravo, na África e no Brasil. Os mercados de escravos. As crias. VI — Os Têrços de Homens Pretos (os Henriques). Colaboração do negro na luta contra o invasor holandês. O negro na guerra do Paraguai. O negro nas bandeiras. O homem de cor na Independência Baiana (1798). Contribuição do negro à Independência. Participação do negro nos movimentos populares de 1822 a 1849. João Cândido e a revolta da Armada (1910). O negro e a FEB. VII — Figuras eminentes de negros. VIDA SOCIAL — I — Condições gerais de vida da população de cor. Caracterização social da população negra. Distribuição social e especial da população de cor.	

Fonte: Autor. 2026.

Quais são as funcionalidades das categorias que nomeiam as abas da planilha? Cada linha da tabela representa uma fonte histórica localizada no arquivo digital supracitado. As colunas organizam informações de identificação do periódico, a normalização, a transcrição do documento e um espaço de análise e anotações da pesquisa, permitindo tratar a planilha como um banco de fontes históricas que pode ser aberto, posteriormente, para o grande público, enquanto uma *crowdsourcing*¹³, editado por novos pesquisadores e estudantes dos cursos de graduação numa perspectiva de trabalho colaborativa.

Na coluna “Periódico”, registramos os títulos das publicações consultadas, identificados a partir do cabeçalho dos próprios impressos. Já na coluna “Estado”, organizamos a localização geográfica dos periódicos com o objetivo de compreender aspectos relacionados à circulação, à recepção e à organização de itinerários discursivos e temáticos mediados pela imprensa. Esse procedimento possibilita, simultaneamente, a construção de dados estatísticos e análises comparativas entre as publicações. Na coluna “Referência completa”, reunimos um conjunto de informações bibliográficas normalizadas de acordo com as orientações da NBR 6023:2025 da Associação Brasileira de Normas

¹³ NOIRET, 2015, p. 35–36.

Técnicas (ABNT), assegurando a rastreabilidade acadêmica das fontes, e seu acesso direto através da disponibilização do endereço virtual, que funciona como um *hiperlink*. Por fim, a coluna “Transcrição” permite a reprodução integral ou parcial do conteúdo publicado nos periódicos — considerando também as próprias políticas de licenciamento dos arquivos digitais —, contribuindo para a preservação da fonte em um formato distinto daquele disponível no momento da coleta na base de dados de arquivos digitais, como a Hemeroteca Digital da BN.

A escolha do Google Planilhas como DBMS está diretamente relacionada à sua praticidade operacional, colaborativa e gratuidade no acesso, centrado na organização do mapeamento exploratório de fontes históricas em periódicos. Trata-se de uma base de dados qualitativa, com registros densos e textuais, voltada mais à organização do *corpus* documental de uma pesquisa dentro de recorte temático específico e ao apoio à interpretação historiográfica do que à execução de consultas complexas ou ao processamento estatístico em larga escala. Assim, o uso de um DBMS de planilha mostrou-se coerente com o estágio da pesquisa e com o caráter pedagógico do trabalho com estudantes de graduação em História, permitindo que a estrutura do banco de dados acompanhasse o próprio processo de construção do conhecimento histórico e sua divulgação em hipertextos produzidos para a divulgação científica da área.

A planilha foi transformada em um instrumento de coleta de dados das fontes e sistematização dos veículos de publicação e dos arquivos pesquisados. Como ressaltamos, a ferramenta usada para a produção do banco de dados apresenta uma interface de ordenação do trabalho intelectual realizado, permitindo comparar ocorrências, relacionar documentos, criar gráficos e quadros, reorganizar leituras e produzir séries documentais, como fizemos com o banco de dados sobre o I Congresso do Negro Brasileiro, organizado por Abdias Nascimento (1914–2011), Alberto Guerreiro Ramos (1915–1982) e Edison Carneiro (1912–1972), no Rio de Janeiro, em 1950; e Mercedes Baptista (1921–2014), a primeira bailarina negra do Theatro Municipal, ambas séries centradas no estado do Rio de Janeiro¹⁴.

¹⁴ Conferir os artigos de divulgação científica produzidos sob a supervisão do Prof. Dr. Geferson Santana como atividade do Editor Aprendiz – Programa de Formação em História Pública do laboratório História Editorial. Ver: OLIVEIRA, Anderson Douglas Dias de; SANTANA, Geferson. Um congresso para o povo negro. *História Editorial*, 19 nov. 2025. (Artigo de divulgação). Disponível em: <https://historiaeditorial.com.br/um-congresso-para-o-povo-negro>. Acesso em: 19 nov. 2025; NEVES, Ana Luiza Izidio Barbosa das. O corpo monumento de Mercedes Baptista. *História Editorial*, 3 dez. 2024. DOI:

Nesse sentido, também entendemos que existem dois pontos de vista que se sobrepõem na construção de uma base de dados qualitativa aplicada para a área de ciências humanas, em especial a História. O primeiro é o funcional, que ajuda a organizar fontes dispersas em diversos arquivos e tipos de suportes materiais e digitais, facilita a comparação entre diferentes estados e tipos de fontes, visualização dos dados levantados e acomoda transcrições longas sem fragmentar o documento. O segundo é o metodológico, que permite mapear sobre as presenças e ausências do tema pesquisado em diferentes tipos de fontes.

A divulgação científica como prática de História Pública

A construção de bancos de dados mostrou-se fundamental para a produção de textos de divulgação científica. Adotamos como prática de pesquisa a elaboração de bases de dados que contribuem para a disseminação de novas informações sobre temas consagrados ou ainda pouco conhecidos pelo grande público, ao mesmo tempo em que possibilitam o reuso desses dados em pesquisas e trabalhos acadêmicos. Dessa forma, o artigo de divulgação científica amplia sua função e seu público leitor, uma vez que pode ser mobilizado tanto por pesquisadores quanto por leitores não especializados, atendendo a diferentes finalidades, inclusive à produção científica.

A experiência desenvolvida pelo coordenador do laboratório, ao longo dos últimos anos, demonstra que os artigos de divulgação científica também constituem gêneros textuais fundamentados no rigor da pesquisa histórica, da escrita e da construção de repertórios bibliográficos, baseados na leitura, na organização e na sistematização de fontes. Esse rigor se evidencia, inclusive, pelo reconhecimento por parte dos pares, que passaram a citar esses artigos em suas produções acadêmicas, ampliando o alcance e a legitimidade desse tipo de produção intelectual na universidade.

No História Editorial, os bancos de dados são usados majoritariamente para a produção de artigos de divulgação científica, textos da seção Radar da Imprensa, livros de divulgação científica, produção de resumos científicos (simples ou expandidos), textos jornalísticos e projetos da *Wikimedia Foundation*. As produções textuais são publicadas no *website* do laboratório, seguindo padrões predefinidos de editoração eletrônica que ofereça uma experiência confortável de leitura para o público mais amplo, em especial os

estudantes e professores da educação básica, no esforço de cumprir com a disseminação da história e cultura afro-brasileira, conforme orientado pela Lei nº 10.639/2003.

Os artigos de divulgação científica constituem uma etapa específica do trabalho de pesquisa, diretamente vinculada aos bancos de dados qualitativo-relacionais produzidos ao longo do levantamento e tratamento das fontes. Esses textos são elaborados a partir dos registros organizados nas planilhas — especialmente das transcrições e observações analíticas — e articulados à produção historiográfica existente sobre os temas abordados, de modo a situar as fontes analisadas em debates já consolidados no campo. O objetivo é comunicar ao público mais amplo resultados parciais ou recortes interpretativos da investigação historiográfica, sem abrir mão do rigor da pesquisa, mas assumindo uma linguagem acessível e uma estrutura narrativa capaz de tornar inteligíveis eventos, processos e personagens históricos mediados pela mídia impressa e outros suportes materiais e digitais da história e da memória.

Nesse sentido, o banco de dados funciona como instrumento de organização interna da pesquisa, mas também como base material para a produção de narrativas subterrâneas, contrapondo-se, muitas vezes, às narrativas hegemônicas produzidas pelo Estado brasileiro e seus agentes institucionais, incluindo-se a universidade¹⁵. Os artigos publicados no *website* do laboratório, como aqueles dedicados ao I Congresso do Negro Brasileiro e à trajetória de Mercedes Baptista, exemplificam esse procedimento ao transformar dados sistematizados em hipertextos que articulam documentação, interpretação e diálogo com a historiografia. A divulgação científica também é, assim, compreendida como um desdobramento do próprio trabalho com as fontes, no qual a base de dados opera como mediador entre a pesquisa, a literatura especializada e sua circulação nas mídias digitais.

Já a seção Radar da Imprensa é concebida como um dispositivo analítico voltado ao acompanhamento sistemático e à leitura crítica da cobertura jornalística contemporânea sobre temas, eventos e sujeitos históricos abordados pelos projetos temáticos do laboratório. Os textos desta seção partem da coleta e da análise de matérias publicadas na imprensa digital, compreendidas não como simples registros

¹⁵ ROUSSO, Henry. Rumo a uma globalização da memória. *História Revista*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 265–279, jan./abr. 2014. Tradução de Fábio Ferreira de Almeida. DOI: 10.5216/hr.v19i1.30527. p. 271. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/30527/16659>. Acesso em: 15 nov. 2025; POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, jun. 1989. p. 4-5. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 15 nov. 2025.

informativos, mas como formas específicas de construção de sentidos sobre o passado para um público leitor amplo. O objetivo é examinar recorrências, enquadramentos, silenciamentos e deslocamentos discursivos na maneira como a imprensa digital da atualidade mobiliza determinadas narrativas históricas, especialmente no que diz respeito a experiências, eventos e personagens negros.

Para a produção desses textos, são construídos bancos de dados específicos, nos quais as matérias jornalísticas analisadas são sistematizadas a partir de informações como autoria, título, tipo de publicação, local de circulação (cidade e estado) e referências completas normalizadas segundo as normativas (NBRs) da ABNT. Esses bancos não operam de forma isolada, sendo também cruzados com bases de dados previamente produzidas pelo laboratório, com o intuito de reutilizar fontes e informações já coletadas em etapas anteriores da pesquisa. Esse procedimento permite estabelecer relações entre diferentes conjuntos documentais e aprofundar a análise, como ocorreu, por exemplo, no Radar da Imprensa dedicado à trajetória de Mercedes Baptista, no qual dados da cobertura jornalística foram articulados aos documentos históricos já sistematizados¹⁶. Dessa forma, a seção reafirma o uso de bancos de dados qualitativo-relacionais como base metodológica para a análise crítica da imprensa e para a intervenção dos profissionais da História no debate público.

As bases de dados também são usadas para práticas de edição nos projetos da *Wikimedia Foundation* — especialmente Wikipédia, Wikidata e Wikinotícias¹⁷. Esses bancos constituem a base empírica e metodológica que sustentam as intervenções realizadas nessas plataformas digitais colaborativas. Dessa forma, a participação do laboratório nesses projetos não se limita à difusão de conteúdos, mas corresponde a uma extensão do próprio trabalho de pesquisa com espaços digitais, produção de conhecimento e disseminação da produção historiográfica existente no espaço público digital e colaborativo.

Na Wikipédia, os bancos de dados subsidiam a criação, o melhoramento, a ampliação e a verificabilidade das referências de verbetes, especialmente aqueles relacionados à história afro-brasileira, permitindo enfrentar a sub-representação de

¹⁶ Ver o Radar da Imprensa: SILVA, Karen Rebeca de Souza e. Mercedes Baptista nos palcos da imprensa. *História Editorial*, 17 nov. 2025. (Radar da Imprensa). Disponível em: <https://historiaeditorial.com.br/mercedes-baptista-nos-palcos-da-imprensa>. Acesso em: 17 nov. 2025. Trabalho sob a supervisão da Profa. Dra. Tatiane Oliveira.

¹⁷ Conferir textos supracitados: *Wikinotícias e as possibilidades de divulgar conhecimento histórico e Uma prática antirracista no Wikidata*.

sujeitos históricos marginalizados por um conhecimento histórico eurocêntrico e que promoveu o epistemicídio de conhecimentos e saberes de grupos étnico-raciais não brancos¹⁸. Nesse sentido, essas bases são mobilizadas para a inserção, a correção e a problematização de dados estruturados, com atenção especial às categorias e relações que envolvem a racialização de pessoas negras e a organização de um espaço virtual que valoriza a história de suas lutas e legados na história da humanidade. Adotamos uma prática semelhante no Wikinotícias, no qual os bancos alimentam a produção e edição de textos que articulam plataformas digitais e a intervenção dos historiadores e estudantes de graduação em História no debate público, possibilitando que base de dados e produção historiográfica previamente sistematizados sejam ferramentas de produção de narrativas que fazem circular um conhecimento produzido sobre a história negra.

No *Wikidata*, a atuação do laboratório volta-se à problematização crítica da estruturação de dados históricos, especialmente no que diz respeito à racialização de pessoas negras para promover práticas de edição para a visibilidade desse grupo racial. No entanto, também estamos atentos à racialização de pessoas brancas e de outros grupos raciais e étnico-raciais quando fazemos edição em *Q identifiers* (QIDs) no *Wikidata* e verbetes na Wikipédia de pessoas brancas relacionadas às temáticas afro-brasileiras e indígenas¹⁹. Ao intervir nesse ambiente de dados estruturados, procuramos tensionar propriedades, valores e referências que organizam a informação, evidenciando como classificações aparentemente neutras podem reproduzir silenciamentos, simplificações ou vieses históricos eurocêntricos. A experiência com bancos de dados qualitativo-relacionais produzidos pelo laboratório permite qualificar essas intervenções, articulando informações documentais, contexto historiográfico e reflexão crítica sobre a modelagem dos dados.

Dessa maneira, nossa atuação nos projetos *Wikimedia* reforça a compreensão de que os bancos de dados produzidos não se destinam exclusivamente à produção de conhecimento histórico, mas também à alimentação crítica de mídias digitais de conhecimento coletivo e aberto. Wikipédia, *Wikidata* e Wikinotícias tornam-se, assim, extensões do trabalho de práticas de história pública, nas quais levantamento documental,

¹⁸ Ver debate em: NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 111–112; MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Palavras negras). p. 99; NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história escrita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*. Organização Alex Ratts. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 52–63.

¹⁹ Ver: SANTANA, 2025a.

organização de dados, interpretação e divulgação científica se articulam. Essa prática nos insere no campo da história pública digital, reafirmando nosso compromisso com a democratização do conhecimento histórico e com a crítica ativa às formas contemporâneas de produção e circulação da informação e do conhecimento científico.

As mídias digitais como espaços de história pública

A atuação nas mídias digitais tem se consolidado como uma prática importante, e cada vez mais comum na divulgação científica, possibilitando a formação de novos leitores, a visibilidade de temas sensíveis, a potencialização de vozes e de histórias subterrâneas e a produção de espaços colaborativos, especialmente na sociedade global em que vivemos²⁰.

Coletamos uma amostra dos dados dos últimos 5 meses de 2025 — agosto a dezembro — fornecidos pelos resumos mensais disponibilizados pelo *Instagram* para demonstrar esta perspectiva a partir dos dados da tabela abaixo.

Tabela I – Desempenho mensal do perfil do História Editorial no *Instagram* em 2025.

Mês	Visualizações (Reels + Posts)	Variação vs mês anterior	% de Não Seguidores	Seguidores Totais	Crescimento no mês
Agosto	10 000	+3920% (vs jul.)	48%	320	+58
Setembro	16 000	+59%	51%	368	+49
Outubro	12 000	–25%	43%	394	+17
Novembro	23 000	+82%	47%	432	+46
Dezembro	6 100	–73%	36%	442	+15

Fonte: Autor. 2026.

Em 2024, iniciamos um circuito regular de publicação de *posts* e *reels* com o intuito de democratizar o acesso aos conhecimentos produzidos no laboratório e ampliar a disseminação das informações coletadas a partir dos bancos de dados temáticos que estruturam nossas pesquisas. A análise dos dados provenientes dos resumos mensais do *Instagram* evidencia um crescimento expressivo do alcance das publicações voltadas às questões raciais, com destaque para o mês de novembro, que apresentou um aumento aproximado de 82% em relação a outubro.

Os dados apresentados na Tabela I demonstram que, em novembro, o perfil alcançou 23 000 visualizações, número que supera em cerca de 11 000 visualizações a média dos meses anteriores. Esse crescimento indica que os conteúdos produzidos pelo laboratório passaram a circular de forma ampliada, seja por meio da apresentação dos

²⁰ ROUSSO, 2014, p. 265-267, 271.

posts e *reels* pela própria plataforma, seja pela busca ativa dos usuários por conteúdos relacionados às temáticas afro-brasileiras. Nesse sentido, a efeméride do Dia da Consciência Negra, celebrada em 20 de novembro, desempenhou papel central na intensificação do interesse por esses temas, atuando como um catalisador para a circulação dos conteúdos.

Além do contexto simbólico da data, o aumento do alcance em novembro também pode ser associado a estratégias editoriais específicas, que contribuíram para ampliar a visibilidade das publicações. Destaca-se ainda o impacto do *post* referente ao artigo de divulgação científica *Um congresso para o povo negro*, que apresentou índices expressivos de engajamento — 42 curtidas, 24 comentários, 5 *reposts* e 15 compartilhamentos —, consultado no dia 15 de dezembro de 2025, indicando não apenas um consumo ampliado do conteúdo, mas também a produção de interações qualificadas em torno dos temas desenvolvidos pelo laboratório.

A análise da porcentagem de visualizações provenientes de não seguidores, que se manteve elevada nos meses de maior alcance (51% em setembro e 47% em novembro), reforça o caráter das publicações como instrumentos de divulgação científica e história pública digital, capazes de atingir públicos para além da base já consolidada do perfil. Esses dados sugerem que os conteúdos não apenas fidelizam seguidores, mas também funcionam como porta de entrada para novos públicos interessados nas discussões propostas.

A queda no número de visualizações observada em dezembro deve ser compreendida à luz das condições de produção das publicações, uma vez que o laboratório esteve em período de férias entre 15 de dezembro de 2025 e 2 de fevereiro de 2026, com redução significativa de novas postagens. Ainda assim, o perfil apresentou crescimento no número total de seguidores (+15), o que indica a manutenção do interesse do público alcançado nos meses anteriores e sugere que o pico de visibilidade observado em novembro produziu efeitos que se estenderam para além do período de maior circulação.

De modo geral, os dados analisados apontam que o crescimento do alcance das publicações não se configura apenas como um fenômeno pontual associado a efemérides, mas integra um processo mais amplo de consolidação do perfil do História Editorial como espaço de divulgação científica e outras práticas de história pública, sustentado pela produção prévia de bancos de dados temáticos e por estratégias planejadas. Nesse

sentido, as redes sociais operam como um espaço virtual de circulação pública de conhecimento histórico qualificado, articulando pesquisa, organização de dados e comunicação com o grande público.

Tabela 2 – Dados sobre os posts publicados entre agosto e dezembro.

Título	Data	Curtidas	Comentários	Visualizações
<i>Um congresso para o povo negro</i>	19/11/2025	42	24	2 485
<i>História Pública e formação discente na educação superior</i>	25/11/2025	58	11	4 239
<i>Congresso do Negro Brasileiro pela imprensa branca</i>	24/11/2025	21	4	1 463
<i>Divulgação científica para a visibilidade negra</i>	20/11/2025	45	4	3 813
<i>Mercedes Baptista nos palcos da imprensa</i>	17/11/2025	17	10	1 172
<i>Uma civilização da África no apagar das luzes do GEM</i>	11/11/2025	13	2	1 214
<i>História e debate público no Wikinotícias</i>	3/11/2025	28	12	2 485
<i>História Editorial na The Wikipedia Library</i>	30/10/2025	15	3	970
<i>A invisibilidade de Mercedes Baptista na imprensa</i>	28/10/2025	19	3	1 245
<i>Uma prática antirracista no Wikidata</i>	16/10/2025	21	2	1 430
<i>Revistas de História invisíveis</i>	11/10/2025	25	2	1 389
<i>Clubes negros nas Américas</i>	10/10/2025	26	0	741
<i>Ciclo de Oficinas Mais Negritudes</i>	3/10/2025	40	0	2 586
<i>Exposição da Divisão de Memória Institucional da UFRJ sobre memória da ditadura</i>	10/09/2025	29	2	1 506
<i>Editadoras do História Editorial revelam a invisibilidade das revistas brasileiras de História</i>	8/09/2025	24	3	1 094
<i>O anticomunismo e a tentativa de golpe de Estado no 8 de janeiro de 2023</i>	28/08/2025	43	7	5 662
<i>Entrevista com Petrônio Domingues</i>	2/08/2025	26	0	3 551

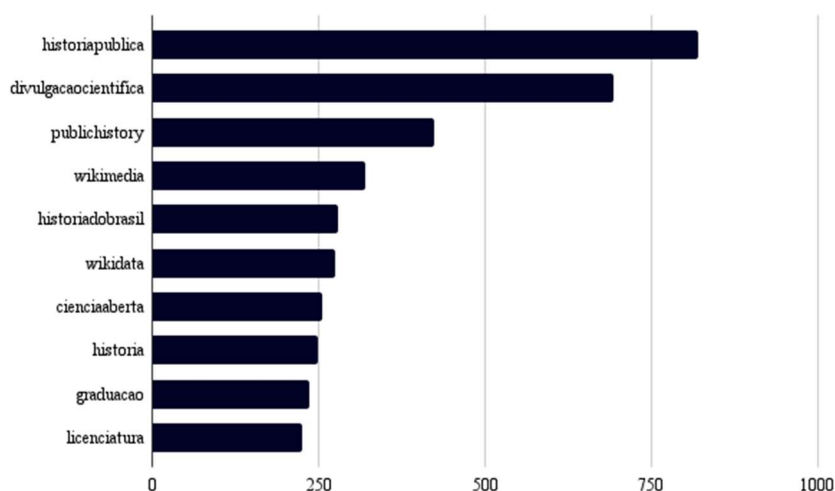
Fonte: Autor. 2026.

Com a Tabela 2, conseguimos ampliar nossa compreensão sobre o alcance de nossos conteúdos, especialmente quando analisamos as visualizações dos posts publicados em nosso feed. Os conteúdos que tiveram maior destaque em nosso catálogo de publicações foram aqueles que citaram diretamente os termos “história pública”, “divulgação científica” e “debate público”, como: a) *História Pública e formação discente na educação superior*; b) *Divulgação científica para a visibilidade negra*; c) *História e debate público no Wikinotícias*; e d) *Ciclo de Oficinas Mais Negritudes*. As referências diretas aos termos relacionados à História Pública e à divulgação científica foram aquelas que deram maior destaque às publicações, e não necessariamente os conteúdos vinculados exclusivamente às questões raciais, que, de modo geral, ficaram abaixo da marca de 2 000 visualizações.

Quando analisamos nossas publicações por meio da mLabs, entre 2 de agosto e 15 de dezembro de 2025, observamos que os *hashtags* que tiveram maior destaque foram exatamente aqueles relacionados à História Pública e à divulgação científica, como

#historiapublica, *#divulgacaocientifica* e *#publichistory*, bem como aqueles vinculados aos projetos *Wikimedia*, como *#wikimedia* e *#wikidata*. Esses dados indicam que tanto o público que já acompanha o trabalho do laboratório quanto os usuários não seguidores demonstram maior interesse por perfis dedicados a projetos acadêmicos comprometidos com a democratização do conhecimento histórico, sobretudo quando essa vinculação é explicitada nas publicações por meio de termos e eixos conceituais e temáticos reconhecidos.

Gráfico I – Taxa de interações com *hashtags* a partir de dados da mLabs.

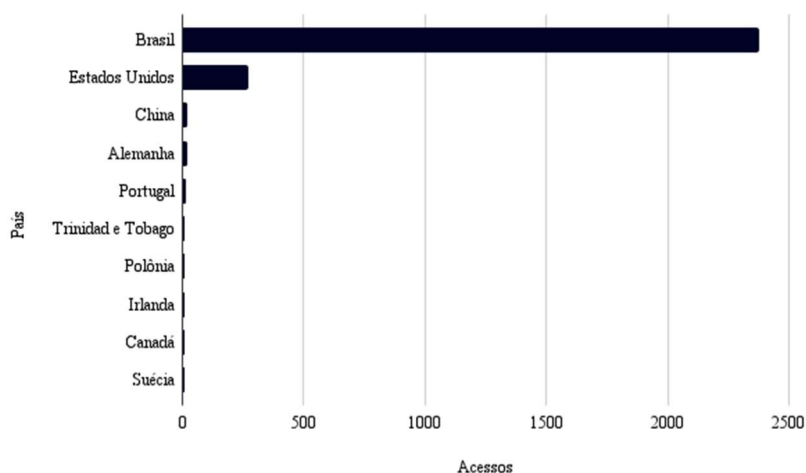


Fonte: Autor. 2026.

Nesse sentido, conforme o gráfico acima, compreendemos também que as postagens relacionadas às questões raciais apresentaram maior alcance quando articuladas diretamente a esses *hashtags*, especialmente *#historiapublica*, *#divulgacaocientifica*, *#publichistory* e *#wikimedia*. Tal dado sugere que a circulação e a visibilidade desses conteúdos não dependem apenas do tema abordado, mas do modo como são indexados e inseridos em comunidades discursivas mais amplas da plataforma. Soma-se a isso o fato de que os números de curtidas dessas publicações superaram, em diversos casos, a marca de 40 interações, evidenciando o interesse dos usuários por conteúdos produzidos em torno das discussões e práticas de História Pública. Esse cenário pode estar relacionado ao crescimento de estudos que passaram a considerar as mídias sociais como espaços

legítimos de produção, circulação e análise de fontes para a História Pública e a História Digital, esta última entendida como uma subárea da primeira²¹.

Gráfico 2 – Usuários do website do História Editorial por país a partir de dados do *Visitor Statistics*.



Fonte: Autor. 2026.

Outra mídia digital que analisamos a partir do Gráfico 2 foi o website do laboratório, espaço no qual publicamos todos os textos produzidos para a divulgação científica na área e as práticas de História Pública desenvolvidas pelo História Editorial. A partir do *plugin* de estatísticas *Visitor Statistics*, instalado em nosso website no *WordPress*, e dos dados coletados pela *mLabs*, conseguimos rastrear os acessos ao perfil do *Instagram* e ao website por país e por cidade, o que nos permite compreender de forma mais precisa a circulação geográfica desses conteúdos.

Os dados coletados indicam que os usuários são majoritariamente brasileiros, compondo uma taxa de 2 380 acessos, seguidos por acessos oriundos dos Estados Unidos e, em menor escala, da China e de alguns países da Europa. Embora as produções apresentem um alcance massivamente nacional, a presença de acessos internacionais evidencia um processo de internacionalização das atividades e produções desenvolvidas no âmbito do laboratório. Esse dado sugere que os conteúdos produzidos perpassam o público estritamente local ou nacional, alcançando usuários inseridos em outras comunidades linguísticas, acadêmicas, culturais e geográficas, sendo esta uma característica comum para projetos de impacto, e ligados à luta pelo direito à história e à

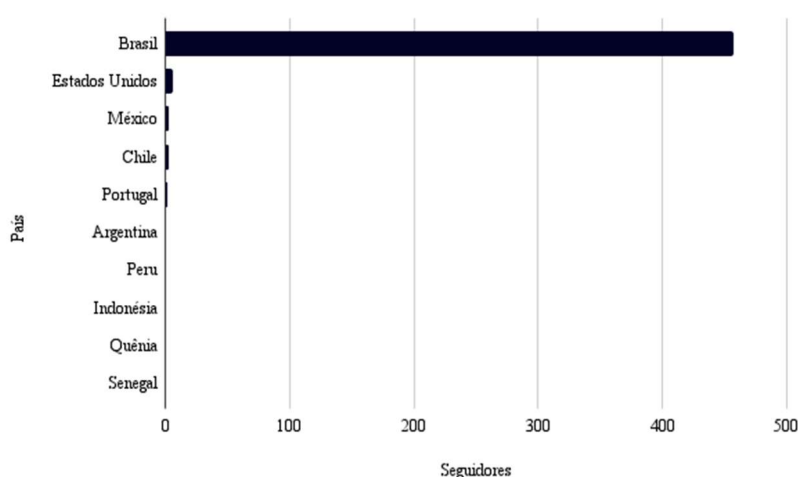
²¹ NOIRET, 2015, p. 42.

memória desenvolvidos numa sociedade global, como sugeriu o historiador francês Henry Rousso²².

Outro fator relevante a ser considerado é o papel desempenhado pelas ferramentas contemporâneas de tradução automática, como o *Google Translator*, amplamente integrado aos navegadores de internet, a exemplo do *Google Chrome*. Esses recursos permitem a tradução imediata de páginas da web, fazendo com que hipertextos públicos originalmente publicados em português não se constituam, necessariamente, como uma barreira para usuários nativos de outras línguas. Tal aspecto amplia significativamente o alcance internacional dos conteúdos produzidos pelo laboratório.

A internacionalização das publicações no website e no perfil do *Instagram* do História Editorial também se relaciona diretamente ao uso estratégico de *hashtags* como *#wikidata*, *#wikimedia* e *#publichistory*, termos amplamente utilizados em língua inglesa e consolidados em debates acadêmicos internacionais. Esses dados demonstram a importância de pensarmos a indexação dos conteúdos a partir de vocabulários compartilhados globalmente, bem como de realizarmos traduções e equivalências conceituais entre *hashtags* em português e seus correspondentes em inglês. Trata-se de uma estratégia promissora para ampliar o diálogo com países que possuem tradição acadêmica consolidada em História Pública [*Public History*] e para inserir nossas produções em circuitos internacionais de circulação do conhecimento.

Gráfico 3 – Seguidores do perfil do *Instagram* por país a partir de dados da mLabs.



Fonte: Autor. 2026.

²² ROUSSO, 2014, p. 267.

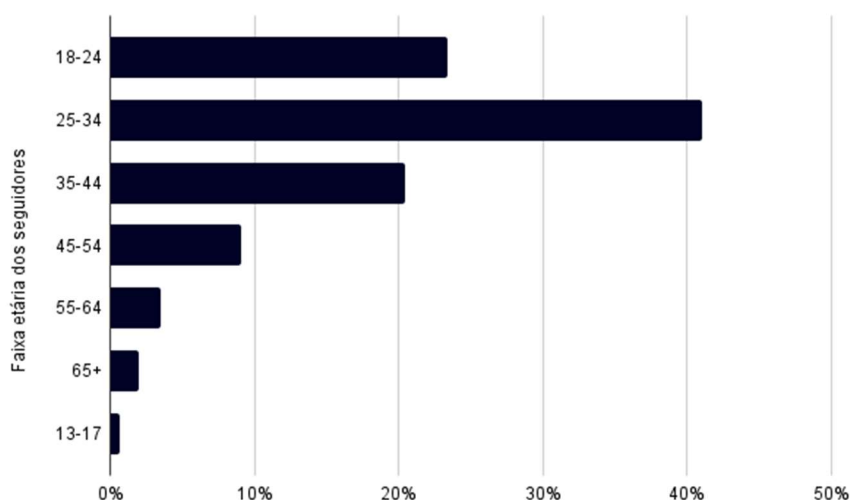
Quando analisamos o gráfico referente à distribuição dos seguidores de nosso perfil no *Instagram* por país, foi possível complementar a leitura anteriormente realizada sobre o alcance internacional das produções do laboratório. Os dados demonstram que a base de seguidores é majoritariamente composta por usuários localizados no Brasil, que concentram 457 seguidores, enquanto os demais países aparecem de forma residual, como Estados Unidos, México, Chile, Portugal, Argentina, Peru, Indonésia, Quênia e Senegal, sendo os dois últimos países africanos.

Esse dado evidencia que, embora o perfil do História Editorial no *Instagram* alcance usuários em diferentes países, a constituição de uma comunidade de seguidores permanece fortemente ancorada no contexto nacional. Tal concentração pode ser compreendida a partir das próprias dinâmicas da plataforma, que privilegia conteúdos produzidos na língua do usuário, redes de afinidade locais e interações recorrentes, fatores que tendem a reforçar a circulação nacional dos perfis, especialmente aqueles vinculados a projetos acadêmicos e institucionais.

Ainda assim, a presença de seguidores internacionais, mesmo que numericamente reduzida, indica que nosso perfil do *Instagram* começa a estabelecer conexões com públicos situados fora do Brasil. Esse movimento pode estar relacionado ao uso estratégico de *hashtags* em língua inglesa, bem como à vinculação das publicações a debates acadêmicos e projetos de alcance internacional, que funcionam como vetores de circulação e visibilidade transnacional dentro da própria plataforma. Dessa forma, os dados do *Instagram* sugerem que a internacionalização das atividades do laboratório, no que diz respeito às mídias sociais, ocorre de maneira gradual e assimétrica, com maior intensidade no nível do alcance e da visualização dos conteúdos do que na consolidação de uma base estável de seguidores estrangeiros.

Outro aspecto que consideramos na análise foi a faixa etária dos usuários que seguem nosso perfil no *Instagram*. Veja o Gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 – Faixa etária dos seguidores do perfil no *Instagram* a partir da mLabs.



Fonte: Autor. 2026.

A partir deste gráfico que apresenta a distribuição etária de nossos seguidores no *Instagram*, é possível observar que a maior concentração de usuários está situada na faixa etária entre 18 e 34 anos. Esse recorte etário compreende, majoritariamente, grupos de usuários vinculados aos cursos de graduação em História e áreas afins, conforme a verificação empírica que realizamos a partir das visitas aos perfis desses usuários.

Ainda que não seja possível mensurar com precisão a porcentagem de usuários que estão atualmente cursando o ensino superior daqueles que já o concluíram, ou mesmo daqueles que não possuem vínculo formal com a universidade, os dados sugerem uma predominância de perfis com formação ou em formação na área de História e campos correlatos. Do mesmo modo, não dispomos de dados estatísticos que permitam dimensionar, de forma objetiva, o número de docentes da educação superior que acompanham o trabalho desenvolvido pelo laboratório por meio do *Instagram*.

Mesmo com essas limitações, a concentração dos seguidores nas faixas etárias associadas à graduação e à pós-graduação indica que o público que acompanha o História Editorial é composto, em grande medida, por profissionais especializados ou em processo de formação acadêmica. Esse dado evidencia que os conteúdos produzidos pelo laboratório, embora voltados à divulgação científica e ao grande público, também dialogam de maneira significativa com sujeitos inseridos nos circuitos acadêmicos, que consomem, compartilham e interagem com materiais relacionados às práticas de História Pública. Entre os perfis identificados, também se destacam estudantes vinculados a Programas de Pós-Graduação em História (PPGHs), o que indica que o conteúdo

divulgado é apropriado e consumido por sujeitos em diferentes etapas da formação acadêmica.

Considerações finais

O artigo demonstrou como a experiência desenvolvida no âmbito do laboratório possibilitou a construção de uma metodologia própria para a pesquisa histórica, articulada à produção de bancos de dados e à realização de práticas de divulgação científica e História Pública em ambientes digitais. A partir do trabalho sistemático com fontes impressas, evidenciamos que a organização, a catalogação e a análise dessas fontes, mediadas por ferramentas acessíveis, permitiram estruturar bancos de dados que atendem às especificidades da pesquisa em História, ao mesmo tempo em que sustentam a produção de hipertextos e projetos de edição digital voltados ao grande público.

Com isso, a formulação da categoria analítico-metodológica de bancos de dados qualitativo-relacionais mostrou-se fundamental para compreender as particularidades dessas bases, nas quais os registros são predominantemente textuais e interpretativos, e as relações entre os dados se constroem tanto por vínculos estruturais quanto por conexões analíticas estabelecidas ao longo do processo de pesquisa. Os bancos desenvolvidos pelo laboratório evidenciam o potencial da organização dos dados como etapa constitutiva da análise histórica, aproximando práticas de pesquisa, interpretação e escrita.

As análises das tabelas e gráficos permitiram compreender os padrões de alcance, engajamento e circulação dos conteúdos produzidos pelo laboratório. Os resultados indicam que publicações diretamente relacionadas à História Pública e à divulgação científica, especialmente aquelas que explicitam essa vinculação por meio de *hashtags*, especialmente em inglês, e estratégias editoriais, tendem a alcançar maior visibilidade e engajamento, potencializando a visibilidade de temáticas relacionadas às minorias, como questões raciais. Esses dados evidenciam a importância da utilização de termos referentes a conceitos consolidados pelo campo e a criação de práticas editoriais eficientes para a ampliação da circulação do conhecimento histórico em plataformas digitais.

Dessa forma, as experiências analisadas neste artigo evidenciam que os bancos de dados construídos no âmbito do laboratório não se configuram apenas como instrumentos auxiliares da pesquisa, mas como centrais para a produção, a circulação e a mediação do conhecimento histórico. Ao articular pesquisa, edição e análise de dados em

mídias digitais, o História Editorial contribui para o debate sobre novas possibilidades de atuação do historiador para além dos espaços tradicionais, reafirmando a divulgação científica e a História Pública como dimensões fundamentais da prática historiográfica contemporânea.

Espera-se que as experiências desenvolvidas no âmbito do História Editorial possam ser apropriadas e reproduzidas por outras instituições, grupos e laboratórios de pesquisa, especialmente no que se refere à adoção da metodologia de construção de bancos de dados qualitativo-relacionais e à valorização de seus produtos. Do mesmo modo, almeja-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas a partir das reflexões apresentadas neste artigo, de modo a evidenciar outras iniciativas, suas práticas, contribuições para a História Pública e a análise das mídias digitais como fontes de pesquisa. Tais investigações podem ampliar a compreensão sobre o alcance das produções históricas em ambientes digitais, bem como sobre outras variáveis relevantes para a análise da circulação, da recepção e da mediação do conhecimento histórico.

Referências

- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Revista TransVersos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 35–53. set. 2016. p. 39. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>. Acesso em: 2 dez. 2025.
- CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. *Revista NUPEM*, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 8–28, maio/ago. 2019. DOI: 10.33871/nupem.v11i23.654. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/nupem/article/view/5724>. Acesso em: 10 out. 2025.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Palavras negras).
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história escrita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*. Organização Alex Ratts. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NEVES, Ana Luiza Izidio Barbosa das. O corpo monumento de Mercedes Baptista. *História Editorial*, 3 dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14263172>. Disponível em: <https://historiaeditorial.com.br/o-corpo-monumento-de-mercedes-baptista>. Acesso em: 3 dez. 2024.
- NOIRET, Serge. História pública digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28–51, maio 2015. DOI: 10.18225/liinc.v11i1.797. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634?articlesBySimilarityPage=8>. Acesso em: 10 out. 2025.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África nos bancos escolares. Representações e impressões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, n. 3, p. 421–461, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n3/a03v25n3.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2013.

OLIVEIRA, Anderson Douglas Dias de; SANTANA, Geferson. Um congresso para o povo negro. *História Editorial*, 19 nov. 2025. (Artigo de divulgação). Disponível em: <https://historiaeditorial.com.br/um-congresso-para-o-povo-negro>. Acesso em: 19 nov. 2025.

OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. Editatonas do História Editorial revelam a invisibilidade das revistas brasileiras de História. *História Editorial*, 8 set. 2025. Disponível em: <https://encurtador.com.br/445NL>. Acesso em: 8 set. 2025.

OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de. Editatonas do História Editorial – revelando a invisibilidade das revistas brasileiras de História. *Crítica Historiográfica*, Natal, v. 5, n. 24, p. 55–59, set./out., 2025. p. 56. DOI: 10.29327/254374.5.25-11. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/criticahistoriografica/article/view/23874/17545>. Acesso em: 3 nov. 2025.

OLIVEIRA, Tatiane. Wikinotícias e as possibilidades de divulgar conhecimento histórico. *História Editorial*, 3 nov. 2025. (Notícia). Disponível em: <https://encurtador.com.br/FFDc>. Acesso em: 3 nov. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, jun. 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ROUSSO, Henry. Rumo a uma globalização da memória. *História Revista*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 265–279, jan./abr. 2014. Tradução de Fábio Ferreira de Almeida. DOI: 10.5216/hr.v19i1.30527. p. 271. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/30527/16659>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SANTANA, Geferson. Uma civilização da África no apagar das luzes do GEM. *História Editorial*, 11 nov. 2025b. (Radar da Imprensa). Disponível em: <https://historiaeditorial.com.br/uma-civilizacao-da-africa-no-apagar-das-luzes-do-gem>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SANTANA, Geferson. Uma prática antirracista no Wikidata. *História Editorial*, 16 out. 2025a. (Notícia). Disponível em: <https://encurtador.com.br/hiA5y>. Acesso em: 16 out. 2025.

SOUZA, Marina de Mello e. Algumas impressões e sugestões sobre o ensino de história da África. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17–28, 2012. DOI: 10.20949/rhhj.v1i1.3. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/3/7>. Acesso em: 12 nov. 2025.

TAKAI, Osvaldo Kotaro; ITALIANO, Isabel Cristina; FERREIRA, João Eduardo. *Introdução a banco de dados*. São Paulo: Instituto de Matemática e Estatística (IME); Universidade de São Paulo, 2005. Apostila didática. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~jef/apostila.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.

WIKIPÉDIA. Fundação Wikimedia. (Verbete). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_Wikimedia. Acesso em: 8 dez. 2025.

XAVIER, Antonio Carlos. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 73–90, 2015. DOI: 10.22481/el.v13i2.1302. p. 77–79. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/1302>. Acesso em: 8 nov. 2025.